

O Humor e a Ironia nos contos de Machado de Assis: “O enfermeiro” e “Um homem célebre”

Raimunda Inês Gonçalves França¹

Douglas Ferreira de Paula²

RESUMO: O presente artigo sugere uma análise dos contos “O Enfermeiro” e “Um homem célebre” do autor realista Machado de Assis. No estudo, buscou-se descrever a “ironia” e o “humor” contidos nos referidos textos. O trabalho teve como enfoque mostrar e sugerir uma reflexão crítica acerca dos valores humanos, tendo como pano de fundo os costumes sociais da época. Este estudo foi de cunho bibliográfico, tendo sido utilizados autores renomados, tais como: Bosi (2006), Candido (2011), Miguel-Pereira (2000), Sodré (1982), Stegagno-Picchio (2004). Autores que ora apresentavam uma leitura sobre o escritor ora destacavam a ironia e o humor como técnica narrativa. Foi possível encontrar por meio das críticas ao contexto social do século XIX uma visão crítica em torno das obras e da escrita de Machado de Assis, tão bem expressa nos contos mencionados. Por fim, o trabalho teve como finalidade apresentar uma leitura e análise de dois contos dando destaque, principalmente, à representa o das personagens nesse meio social.

PALAVRAS- CHAVE: Literatura brasileira, Machado de Assis, contos, ironia, humor.

ABSTRACT: This article suggests an analysis of the short stories "O Enfermeiro" and "Um homem célebre" by the realist author Machado de Assis. In the study, we tried to describe the "irony" and "humor" contained in the texts. The work focused on showing and suggesting a critical reflection on human values, taking into account the social customs of the time. This study was based on a bibliographical study, using well-known authors such as Bosi (2006), Candido (2011), Miguel-Pereira (2000), Sodr  (1982) and Stegagno-Picchio (2004). Authors who presented a reading about the writer now emphasized irony and humor as a narrative technique. It was possible to find through the critics of the social context of the nineteenth century a critical view on the works and writing of Machado de Assis, so well expressed in the stories mentioned. Finally, the purpose of the paper was to present a reading and analysis of two short stories highlighting, mainly, the representation of the characters in this social environment.

KEYWORDS: Brazilian Literature, Machado de Assis, short stories, irony, humor.

¹ Discente do curso de Letras (Portugu s e Inglês), na Institui o Federal do Amazonas, campus Humaitá, número de matrícula 21006818.

² Docente do curso de Letras (Português e Inglês), na Institui o Federal do Amazonas, campus Humaitá, Orientador deste artigo.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise dos contos “O enfermeiro” e “Um homem célebre” do autor Machado de Assis.

Por se tratar de uma pesquisa de cunho bibliográfico, terá como foco enfatizar a relação da presença da ironia e do humor na composição dos contos, isto é, a questão será vista não apenas pela observação de como a sociedade é representada no campo literário, mas como a ironia e o humor se relacionam com os personagens durante a narrativa dos contos machadianos.

Para iniciar, farei uma breve exposição sobre o autor Joaquim Maria Machado de Assis, o qual nasceu em julho na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1839, seu pai era pintor de cor escura e sua mãe era portuguesa da Ilha de São Miguel. Sua infância foi humilde e triste, pois aos dez anos perdeu sua mãe. Aos quinze anos sabia falar a língua francesa e em 06 de janeiro de 1855 já publicava seu primeiro poema, “A Palmeira” no jornal *Marmota Fluminense*, lugar onde ele trabalhava. Em 1861, publicou sua primeira peça, *Queda que as Mulheres Têm pelos Tolos*. Machado casou-se aos trinta anos com Carolina Augusta de Novais, que era uma moça de família de intelectuais e que faleceu em 1904, eles não tiveram filhos.

Quanto à sua obra em prosa, contos e romances, pelos quais ficou mais conhecido, publicou seu primeiro romance na década de 1870, intitulado *Ressurreição*, mas o que lhe valeu a consagração foi *Memórias Póstumas de Brás Cubas* publicada no ano de 1881.

Segundo Candido (2011, p.16), Machado de Assis “[...] aos cinquenta anos era considerado o maior escritor do país, objeto de uma reverência e admiração gerais, que nenhum outro romancista ou poeta brasileiro conheceu em vida, antes e depois dele”. Isso explica que o autor era admirado por outros autores e que nenhum conseguiu ser igual a

Machado de Assis na escrita por que o mesmo vinha através de suas obras fazer críticas sobre a sociedade e, sobretudo, sobre as classes dominantes.

Machado de Assis faz parte do movimento literário Realismo, e a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é o marco inicial desse período. Segundo Oliveira (1999), em suas obras estão presentes as características essenciais da estética realista: “[...] condicionamento do homem ao meio social, a lei do mais forte, a crítica à burguesia, são temas apresentados de forma singular e imparcial” (p. 305).

Ainda conforme Oliveira (1999, p. 305), muitos dos autores de sua época se limitavam a descrever as atitudes e ações externas de seus personagens. Por sua vez, Machado se ocupou em descrever as classes altas e médias do Rio de Janeiro, as personagens do autor eram vistas a partir de sua consciência, de seu mundo interior que era sondado e analisado pelo avesso, apresentando um conhecimento profundo da complexidade e das contradições humanas. Suas obras apresentam aventuras, emoções e suspense realizadas através de uma análise psicológica e uma especulação filosófica. Algo que tentarei demonstrar também na análise dos contos escolhidos para estudo, como a ironia e o humor penetram nas atitudes dos personagens, revelando suas personalidades.

De acordo ainda com Oliveira (1999), Machado de Assis se destacou em suas obras por apresentar a personalidade do ser humano através de seus personagens e as mesmas apresentam fortes características psicológicas em seus contos.

Há uma diferença entre as personagens masculinas e femininas do autor, sendo que as masculinas possuem mediocridades, pouca inteligência, objetivos bem supérfluos e as femininas aparentam ser dissimuladas, egoístas, vaidosas, fúteis, trazendo em si o veneno da sedução. É através dessas características que Machado revela como as pessoas viviam perante a sociedade porque as mesmas, conforme Oliveira, “[...] valem pelo que tem, e não pelo que são [...]” (1999, p. 306).

Para apresentar essas características e mostrar como se relacionam com o tema do humor e ironia, escolhi dois contos “O Homem Célebre” e “O enfermeiro”, ambos retirados de uma edição de suas coletâneas, *Os melhores contos de Machado de Assis*.

2. CONTEXTO SOCIAL DE MACHADO: O DECLÍNIO DO ROMANTISMO E O SURGIMENTO DO REALISMO

O Romantismo no Brasil começou a declinar na metade do século XIX. Houve várias mudanças significativas no cenário brasileiro porque o país começa a ser influenciado por outras culturas, ideias e novos interesses políticos e econômicos, os quais antes não eram admitidos. Neste sentido, a liberdade de comercializar com outros países fez com que a atividade referente às trocas comerciais crescessem consideravelmente, o que acarretou no surgimento de um novo grupo que influenciou no crescimento econômico do país, o mercantilismo que era algo do segundo plano durante a fase do colonialismo passou a ser novidade durante esse período. Assim aborda Sodré (1982):

A segunda metade do século XIX assinala mudanças importantes no quadro brasileiro [...]. A liberdade de comércio exterior proporcionara um considerável impulso à atividade das trocas, gerando um grupo a que agora as condições traziam possibilidades muito grandes de crescimento (SODRÉ, 1991, p. 340).

Dentro desta perspectiva e de acordo com o autor, é importante ressaltar que o Brasil, durante o período colonial, não tinha muita liberdade nas trocas de produtos e com o surgimento desse novo grupo as possibilidades de comercializar para países externos ficaram mais fáceis e isso gerou grande crescimento econômico, diversificação nas atividades culturais, fornecendo material para os escritos de Machado.

Ainda segundo Sodré (1982, p. 341), neste período, houve também a abolição do tráfico negreiro, que repercutiu na lavoura de café que se expandiu, possibilitando o surgimento de novas áreas de povoamento, de produção e de consumo, sob os efeitos oriundos das trocas com países estrangeiros. Diante desses fatores, novas técnicas surgiram a fim de desenvolver economicamente o país, tais como: técnicas de transporte voltadas à ferrovia, técnicas de comunicações abrangendo o telégrafo, os portos passaram a ser modernizados; a imprensa passou a ter credibilidade, pois os jornais ganharam

notoriedade; houve um interesse muito grande pelas diversões urbanas, em especial o teatro; a rua passou a ser um espaço importante para a vida em sociedade, com isso, a sociedade ganhava uma nova liberdade política e econômica.

A partir desses e outros fatos, a literatura brasileira sofreu mudanças quanto aos temas porque os mesmos eram voltados para temas envolvendo tradições que são modificadas, ou seja, os romances tratariam sobre temas voltados para o casamento e, em seguida, o mesmo levaria a construção de família, mas que começa a ser alterada com o crescimento das cidades e das novas atividades culturais. Com isso, o Romantismo começa a declinar. Conforme afirma Sodré (1982, p. 347): “[...] A literatura não poderia ficar imune a alterações tão importantes. Na medida em que elas se acentuam, o Romantismo entra em declínio. Não é exagero, de forma alguma, ligar esse declínio à ascensão da classe média”.

Ao mesmo tempo em que o Romantismo declinava, surgia o Realismo brasileiro, a questão abolicionista tornava-se cada vez mais problemática a partir de 1850, juntamente ao declínio da economia açucareira, permitindo abrir caminho para uma nova sociedade que apresentava ideias novas. Assim, os temas abolicionistas e republicanos durante o período de 1870 a 1890 eram características do novo homem burguês e das novas classes médias. Assim aborda Bosi (2006, p.163): “[...] De 1870 a 1890 serão essas as teses esposadas pela inteligência nacional, cada vez mais permeável ao pensamento europeu que na época se constelava em torno da filosofia positiva e do evolucionismo [...]”. Ainda de acordo com o autor, durante este período os escritores brasileiros foram influenciados fortemente pela cultura europeia e esta tinha como características marcantes as ideias positivistas e evolucionistas.

Na ficção, o Realismo se apresenta profundamente nas questões sobre a narração de como a sociedade se comportava no século XIX, seus problemas e suas contradições, sobretudo em um país que buscava se “modernizar”, que era o caso do Brasil.

Neste sentido, o escritor realista se empenhara precisamente no estudo de suas personagens, com o único objetivo de sondar-lhes o modo de agir perante a sociedade. Conforme afirma Bosi (2006, p.169): “[...] “O escritor realista tomará a sério as suas

personagens e se sentirá no dever de descobrir-lhes a verdade, no sentido positivista de dissecar os móveis do seu comportamento”. Nesta perspectiva e de acordo com o autor, o escritor desta corrente literária terá como foco fazer um diagnóstico preciso a respeito de suas personagens incluindo a mudança de comportamento destes de acordo com a influência do meio (sociedade).

Diante de todos esses fatores, é importante ressaltar que do Romantismo ao Realismo ocorreram grandes mudanças porque os autores românticos eram voltados para a idealização em suas escritas enquanto os autores realistas se ligavam aos fatos da sociedade. E isso fez com que a prosa, em termos ficcionais, enriquecesse grandiosamente, passando a ter uma estrutura própria, analítica. E o autor Machado de Assis torna-se um dos maiores escritores do Realismo brasileiro por essa capacidade analítica. É nesta capacidade que se encontra todo o equilíbrio da prosa realista e da ficção que dá característica às suas obras. Conforme afirma Bosi (2006, p.174): “O ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira acha-se na ficção de Machado de Assis”.

3. BREVE APRESENTAÇÃO DA FICÇÃO MACHADIANA

Assim como nos contos e também nos romances, as personagens machadianas foram idealizadas a partir da sociedade vigente naquela época, ou seja, a sociedade pertencente ao segundo império brasileiro. Neste sentido, as figuras ficcionais do referido autor apresentam características típicas marcadas por fina ironia que, na maioria das vezes, faz com que ocorram mudanças de comportamento de seus personagens ao longo da narrativa.

Conforme afirma Stegagno-Picchio (2004, p.281): “Tanto nos contos quanto nos romances, as personagens de Machado parecem todas recortadas num mesmo tecido humano”. Pertencem à “boa” sociedade do “Segundo Reinado”.

Nos contos machadianos, o autor tende levar o leitor a participar gradativamente da confecção da narrativa. Neste sentido, o referido autor é considerado por muitos

escritores e estudiosos da literatura brasileira, dentre eles José Veríssimo, como um importantíssimo escritor e precursor na língua portuguesa. Acerca disso, fez belíssimas declarações ao talento de Machado em sua obra intitulada *História da literatura brasileira*, publicada em 1916, as quais são citadas também por Stegagno-Picchio (2004):

Do conto foi ele, se não o iniciador, um dos primeiros cultores e porventura o primacial escritor na língua portuguesa.

Efetivamente ninguém jamais nesta contou com tão leve graça, tão fino espírito, tamanha naturalidade, tão fértil e graciosa imaginação, psicologia tão arguta, maneira tão interessante e expressão tão cabal, historietas, casos, anedotas de pura fantasia ou de perfeita verossimilhança, tudo recoberto e realçado de emoção muito particular, que varia entre amarga e prazenteira, mas infalivelmente discreta. Histórias de amor, estados d'alma, rasgos de costume, tipos, ficções da história ou da vida, casos de consciência, caracteres, gente e hábitos de toda a casta, feições do nosso viver, nossos mais íntimos sentimentos e mais peculiares idiosincrasias, acha-se tudo superior e excelentemente representado, por um milagre de transposição artística, nos seus contos. E sem vestígio de esforços, naturalmente, num estilo maravilhoso de vernaculidade, de precisão, de elegância (Veríssimo, apud Stegagno-Picchio, 2004, p. 287).

Ainda de acordo com a autora, José Veríssimo tinha grande admiração pelo autor Machado de Assis, por este apresentar uma escrita diferente dos demais escritores, pois a mesma conta com características psicológicas, que faz com que sua escrita seja a mais natural possível, ou seja, apresenta traços típicos de um autor que sabe descrever muito bem aquilo que estava vivendo a sociedade brasileira daquela época, mesmo que de forma positiva ou negativa. Os contos machadianos apresentam temas típicos da vida humana, os quais descrevem desde histórias de amor até os sentimentos mais eloquentes, mesmo que de maneira sutil e elegante. Mediante a esses fatores, Stegagno-Picchio ressalta que José Veríssimo tentou resgatar a “brasilidade” poética para Machado. Assim afirma Stegagno Picchio (2004, p.287): “É evidente aí a tentativa de recuperar para Machado aquele atributo de escritor “nacional” que a sua aparente impassibilidade e neutralidade linguística pretendiam subtrair-lhe”.

Ao todo somam-se cento e setenta e oito contos publicados totalizando três mil setecentas e cinquenta laudas, mas somente uma pequena parte desse trabalho foi

reinserido definitivamente, impossibilitando um estudo mais aprofundado acerca das temáticas presentes nas narrativas.

Nos romances, Machado ganhou grande notoriedade ao apresentar a temática “a morte” como principal elemento da narrativa em três obras de sua autoria: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*. Ao todo somam-se nove romances que são divididos em três fases desse grande escritor.

O autor Machado de Assis, ao longo da narrativa, faz uma análise minuciosa dos seus personagens usando elementos irônicos e humorísticos como características marcantes em seus contos. Isso faz com que o autor crie narradores oniscientes, ou seja, que conhecem o psicológico de cada personagem de suas narrativas e narram o que de fato está acontecendo em sua volta. Conforme afirma Stegagno Picchio (2004, p.288):

Machado não indica epicamente suas personagens: mescla-se continuamente a elas, talhas em mil fatias longitudinais e transversais com a própria presença, irônica, petulante, desmistificante, a narrativa. Narra diante do espelho (PICCHIO, 2004, p. 288).

4. O HUMOR E A IRONIA NOS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS

Barreto (2007) ao resenhar a obra *Ironia e Humor* de Lélia P. Duarte busca sistematizar e descrever o que são essas duas noções, a ironia e o humor. Segundo ele, a ironia é: “a figura de retórica em que se diz o contrário do que se diz, o que implica o reconhecimento da potencialidade de mentira implícita na linguagem” (p. 01). Assim, a ironia, de um lado, é um recurso de estilo e, de outro, é a própria explicitação de que a verdade aparente das coisas é apenas aparente; a ironia revela, escondendo, portanto, ela é central dentro de obras literárias que trabalham com a realidade do mundo, que vive de aparências e convenções. Sem dúvida, é central para entender uma obra como a de Machado de Assis e a crítica que faz à sociedade do século XIX.

O termo “humor” originou-se na Antiguidade como uma noção para indicar uma

função reguladora para o bem-estar físico e emocional do ser. Segundo Pessanha: “A palavra humor surgiu na medicina humoral dos antigos Gregos. Naqueles tempos, o termo humor representava qualquer um dos quatro fluidos corporais (ou humores) que se considerava serem responsáveis por regular a saúde física e emocional” (2011, p. 09).

O humor, ainda de acordo com Barreto, corresponde a uma forma de pensar e refletir sobre os sentimentos mais intensos e corrosivos presentes na alma das pessoas, e isso implica de fato no “querer e no poder” de superar todos os impasses que afetam a psique humana. Segundo ele, “O humor é uma proposta de reflexão sobre a angústia e a impotência do ser humano. Uma volta por cima desses embaraços” (BARRETO, 2007, p. 01).

O humor pode ser utilizado como um meio para o indivíduo buscar possíveis soluções ou até mesmo amenizar uma problemática social que lhe aflige, não só no contexto particular, mas no meio social. Quando o humor é visto ou discernido neste âmbito, é possível associar este a um aspecto peculiar da literatura, que é o de conscientizar, humanizar e atuar como agente transformador das mentes.

Quando lançamos mão desses dois elementos para compreender a realidade das relações humanas no contexto social, percebemos que eles entram na composição de personagens machadianas, que fazem uso da ironia e do humor para solucionar ou até mesmo compreender seu mundo interior e exterior. Nesse sentido, a ironia e o humor passam a ser vistos como um caminho mais amplo, complexo, de se relacionar com seu meio social de forma crítica e compreensiva.

Dessa maneira, na tentativa de compreender a realidade de uma sociedade corrompida, em especial a do Rio de Janeiro do século XIX, Machado, no interior do movimento realista, busca retratar o mundo por um viés irônico e humorístico.

“O humor irônico” é uma temática marcante na maioria dos contos machadianos, porque é por meio desse tipo de construção estilística que Machado tende a levar o leitor a construir interpretações contrárias, com características satíricas, às que esperava inicialmente e que resultam em várias leituras. De forma singular, “o humor irônico” serve como pano de fundo para criticar a sociedade da qual fazia parte, e também para

destacar as camadas mais íntimas do ser de maneira extremamente sutil.

Por essas e outras qualidades, Machado tornou-se um dos mais importantes escritores do nosso país, senão o mais renomado escritor até os dias atuais.

4. 1. A crítica literária e a ironia e humor em Machado de Assis

Muitos já escreveram sobre o humor e a ironia nas obras do autor. Exporemos algumas dessas críticas e reflexões já elaboradas sobre o tema.

Assim, em Lúcia Miguel-Pereira, o humor machadiano ao longo das narrativas apresenta-se de forma pessimista e peculiar, o que confere ao autor uma diferença se comparado aos demais escritores acerca dos julgamentos sobre a verdadeira face do ser humano, ou seja, Machado vê com um olhar pacificado o indivíduo, pois, para ele, o ser humano tende a sofrer mudanças comportamentais ao passo que este sofre influências do meio ao qual pertence. Segundo Miguel-Pereira (1950, p.160):

[...] O seu pessimismo intrínseco foi ao contrário abrandado pela isenção do julgamento, isto é, apreciando sempre o indivíduo em si mesmo e na sua posição em face da vida, percebia a inabilidade dos pequenos cálculos cujo mecanismo tanto o interessava [...] (PEREIRA, 1950, p. 160).

De acordo com a autora, Machado é um pessimista por natureza, mas não possui traços de um escritor que julgue os atos do indivíduo, ou seja, descreve o ser como ele é, e de acordo com sua posição social.

A ironia machadiana surge como um pano de fundo para descrever a forma como viviam a sociedade escravocrata e a classe dominante da época, ou boa parte dessa. Desta forma, as suas personagens formam uma verdadeira teia de homens e mulheres sem escrúpulos, ligados somente à aparência e a avareza. Assim explica Miguel Pereira (1950, p.161):

Por isso as suas criaturas são acima de tudo ciosas da opinião alheia, possuem muito nítido o sentimento da hierarquia social, prezam mais a prática do que o espírito da religião, são muito comumente avaras, demonstram um grande vazio interior, amam quase sempre fora do casamento (PEREIRA, 1950, 161).

Desta maneira, as personagens machadianas são caracterizadas por não obedecer aos padrões da sociedade, no entanto, apresentam traços marcantes da burguesia, não são voltados ao exercício da religião, prezam muito o que têm, são pouco amáveis e, normalmente, são levadas a acentuar o amor de forma errônea por meio do adultério.

Outras perspectivas podem ser vistas a partir do estudo de Andrea Czarnobay Perrot que analisou a obra de Machado dentro da historiografia da literatura brasileira. Assim, a estudiosa começou a elencar críticos consagrados que teriam lido Machado também por meio da compreensão do fenômeno da ironia e do humor.

Ela afirma que o crítico José Veríssimo referia-se a Machado de Assis como um escritor que trouxe consigo uma natureza humorística incomparável com os demais escritores da época, ainda que ele, nos três primeiros romances ainda estivesse ligado, de certa forma, à escola romântica. No entanto, já nessas obras, é perceptível também a junção de elementos irônicos ao longo das narrativas, como as personagens aparecerem de maneira irreverente e incomum e demonstrarem pouco os sentimentos se comparados ao estilo europeu, romantizado, o qual marcou profundamente a literatura nacional. Conforme Veríssimo *apud* Perrot (2008):

Havia, entretanto, no primeiro romance de Machado de Assis e ainda mais talvez nos que mais de perto o seguiram, *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876), visíveis ressaibos de romantismo senão do Romantismo. Temperava-os, porém já, diluindo-os num sabor mais pessoal e menos de escola, a sua nativa ironia e a sua desabusada visão das cousas, que o forravam ao romanesco, à sentimentalidade amaneirada que tanto viciou e desluziu a nossa ficção (Veríssimo *apud* Perrot, 2008, p.142).

De acordo com a autora, vários estudiosos da literatura nacional e estrangeira passaram a seguir a mesma linha de pesquisa adotada por José Veríssimo, a respeito da filiação literária de Machado de Assis, tais como: Néilson Werneck Sodré (1938), Lúcia Miguel Pereira (1950), Afrânio Coutinho(1969), Antonio Candido (1975), Ernst Behler (1997), Irlemar Chiampi (1991), entre outros.

Ainda segundo Perrot, na obra intitulada *História da Literatura Brasileira*, de autoria de Sodré, há um capítulo dedicado precisamente à questão da filiação literária da

obra machadiana, no qual o referido autor faz um comentário sobre a influência romântica nas narrativas desse grande escritor da nossa literatura, que são citados também por Perrot (2008):

Sua carreira literária tem duas fases bem nítidas, a primeira, em que é ainda romântico, embora anunciando, aqui e ali, a posse daquelas virtudes que se engrandecerão na segunda. Depois, e com intervalo curto, evolui para uma posição realista inequívoca, embora não ligada à forma de expressão que o realismo assumiu com a escola naturalista, que leve o senso de desprezar (Sodré, *apud* Perrot, 2008, p.143).

Conforme a autora, Sodré refere-se às duas escolas literárias, as quais teria pertencido Machado de Assis, como escolas claramente definidas, porque a primeira, denominada de romântica, já apresentava traços de cunho realistas que foram vitais para a sua inserção na segunda escola. No entanto, no decorrer dessa nova escola, Machado adotou uma nova forma de se posicionar mediante os fatos, ou seja, passando de um idealizador para um completo denunciador da verdadeira face da sociedade, de modo mais radical que outros realistas.

Nessa mesma perspectiva e de acordo com Perrot, na obra intitulada *História da Literatura Brasileira e Prosa de 1870 a 1920*, publicada em 1950, de autoria de Lúcia Miguel Pereira, já citada acima, há um capítulo dedicado especialmente a Machado em que a referida autora faz uma avaliação sobre a importância da literatura machadiana no panorama artístico brasileiro e também atesta a existência das duas fases, mas, como Sodré, ela identifica as diferenças com outros escritores sobretudo na composição de suas personagens: elas são diferentes, porque são independentes e densos também, ou seja, apresentam uma complexidade que se desenvolve no decorrer da narrativa, apresentando conflitos interiores e com o ambiente que os cerca também. Elas não apresentam um caráter linear, são imprevisíveis e geralmente surpreendem aqueles que testemunham suas atitudes. Eis aí, de fato, um meio desse escritor utilizar-se da ironia que o distingue dos demais escritores, mostrando o que não é evidente:

Mesmo em seus primeiros livros, quando ainda o cerceavam os cânones românticos e possivelmente o inibia a timidez, o receio de ser diferente dos outros, de enveredar por caminhos até então indevassáveis, já as

suas figuras se distinguem pela independência em relação ao meio físico e ao moralismo convencional. Não obedeceu nem ao preconceito, então de rigor, de filiar à natureza tropical o feitio das criaturas, nem ao de fazer personagens exclusivamente boas ou más, tão caro ao romantismo (Miguel-Pereira, *apud* Perrot, 2008, p.144).

Dentro desta mesma linha de pesquisa e de acordo com a autora, os críticos literários como Afrânio Coutinho, Antonio Candido, Ernest Behler e Irlemar Chiampi também consideram a utilização da ironia como fator preponderante em todos os trabalhos produzidos por Machado de Assis. Uma “técnica” que funciona como um “jogo literário” que Machado se apropriou desde o romantismo para levar o leitor a fazer várias interpretações acerca do verdadeiro sentido de suas narrativas. Conforme afirma Perrot (2008, p.150):

Assim, Machado de Assis, fazendo uso peculiar e característico da ironia, pode ter construído sua obra a partir de uma estratégia surgida no movimento romântico - a ironia “romântica” (de caráter literário) -, através da qual antecipou procedimentos da literatura moderna (PERROT, 2008, p. 150).

Assim, seja pela história ou pelas críticas literárias, Machado foi sendo lido como um autor irônico e cheio de humor. Captar essas características em cada texto, em cada obra é que tem fascinado os leitores até hoje.

5. A QUESTÃO DA “SUPERIORIDADE” DO CONTO MACHADIANO

De acordo com Miguel-Pereira (2000, p.162), foi nos contos que o autor Machado de Assis ganhou mais destaque, pois os melhores textos estão nas “páginas” de seus contos.

Ainda de acordo com a autora, o conto se conceitua como uma espécie de observação feita a um indivíduo, de forma simples, seja por meio de uma determinada circunstância, seja mediante a um determinado aspecto. Já o romance vai além destes, pois apresenta pluralmente todos esses aspectos de forma generalizada e é neste sentido que Machado aparece como um analista, pois no romance ele se posiciona mais, porque

se trata de uma gama de episódios ou mais precisamente de histórias curtas que funcionam como uma espécie de estratégia no sentido de mesclar e posteriormente proporcionar ao leitor uma leitura prazerosa, ao passo que, nos contos, o escritor deve se conter, eliminar ao máximo as análises, digressões e focar nos dados da realidade, jogando luz sobre aquilo que ele espera que seja observado.

O conto exige imediata preocupação com o impacto que causa no leitor, por isso o escritor busca “o máximo de efeito” com “o mínimo de recursos”, segundo definição do conto por Gotlib (1995, p. 35), em *Teoria do Conto*.

Assim afirma Pereira (2000, p.163) [...]: “foi incontestavelmente como contista que Machado de Assis fez as suas obras-primas”. Nesta perspectiva, sem dúvida Machado se destacou mais como contista, porque foi nesse gênero literário que mostrou todo o seu talento sob medida.

6. ANÁLISE DOS CONTOS

6.1. O Enfermeiro

O conto retrata a história de um homem chamado Procópio que passa a trabalhar como enfermeiro na casa de um Coronel, de nome Felisberto. Felisberto é muito rico, no entanto, por ser um senhor rabugento, chato, de difícil convivência, outros enfermeiros que cuidavam de Felisberto acabavam pedindo demissão por conta própria.

Procópio, contudo, foi bem recebido por Felisberto durante algum tempo, ou seja, até Felisberto mostrar quem ele era realmente. O enfermeiro chegou a perder a paciência e decidiu pedir demissão, mas Felisberto voltou atrás em relação às suas más atitudes durante algum tempo até voltar a ser rabugento com Procópio.

No dia em que Felisberto lança uma vasilha em Procópio, ocorre a morte do coronel, pois Procópio acaba engasgando o mesmo. Mas aí começa a ironia da história: Felisberto deixou sua herança para Procópio, que, obviamente, escondeu a causa da morte do coronel.

Essa ironia do destino se transforma em leve hipocrisia e logo em situação humorística com o comportamento de Procópio. No início, sente remorso pela atual situação, no entanto, devido a sua fama de bom enfermeiro e por ter conseguido cuidar de Felisberto até o fim, ele acaba deixando que o peso da culpa fosse se diluindo. Aos poucos, vai aceitando de bom grado a herança e mostrando que as circunstâncias transformam o sujeito. O conto acaba por refletir sobre quem é o homem em sua essência e sobre o que se consideram bom e mau nas atitudes dos homens.

Assim, o conto “O Enfermeiro” relata o homem, de modo irônico, ressaltando defeitos no que diz respeito à ética das personagens. É válido dizer que a descrença de Machado de Assis, projeta-se sobre a construção das personagens: ora rabugentas e mesquinhas, ora corruptíveis e hipócritas.

A condição humana é retratada por Machado Assis de modo irônica. Algumas características da natureza humana podem ser observadas por meio dos personagens Procópio e Coronel Felisberto, como egoísmo, ingratidão, violência, sendo que o homem está sujeito a todos os tipos de situações, levando o mesmo a cometer ações boas e ruins. Nesse sentido é que Machado de Assis retrata o homem.

[...] Era homem insuportável, estúrdio, exigente, ninguém o aturava, nem os próprios amigos. Gastava mais enfermeiros que remédios. A dois deles quebrou a cara. [...] Se fosse só rabugento, vá; mas ele era também mau, deleitava-se com a dor e a humilhação dos outros. [...] Já por esse tempo tinha eu perdido a escassa dose de piedade que me fazia esquecer os excessos do doente; trazia dentro de mim um fermento de ódio e aversão (ASSIS, 2004, p. 144).

Outro fator que deve ser levado em conta é a relação com a morte, a qual pode ser vinculada ao aspecto da decadência moral do homem, pois, com o envelhecer do corpo humano, é possível associar ao apodrecimento dos conceitos e valores morais.

Se olharmos para o fato de que foi o enfermeiro o autor da morte do Coronel ou levarmos em conta que foram as maldades deste a causa da sua morte, é possível compreender, pelo aspecto dramático do próprio conto, a presença da ironia que nos faz entender o quão frágeis podem ser os princípios de uma dada sociedade, pois, na maioria

das vezes, o que possui força é o discurso e não a prática, ou seja, por mais que a sociedade seja repleta de teoria em relação à moral e boas ações, ela é falha em relação às práticas das condutas morais.

Quando percebi que o doente expirava, recuei aterrado, e dei um grito; mas ninguém me ouviu. Voltei à cama, agitei-o para chamá-lo à vida, era tarde; arrebentara o aneurisma, e o coronel morreu. Passei à sala contígua, e durante duas horas não ousei voltar ao quarto. Não posso mesmo dizer tudo o que passei, durante esse tempo. Era um atordoamento, um delírio vago e estúpido. [...] digo-lhe que eu ouvia distintamente umas vozes que me bradavam: assassino! Assassino! (ASSIS, 2004, p. 146).

No decorrer da leitura, ocorrem mudanças no olhar que temos sobre as personagens: Procópio deixa de ser um oprimido pelo Coronel para ser o autor de sua morte que ainda desfruta de sua herança, enquanto o Coronel, por sua vez, passa a ser visto de mau a bom, devido a sua atitude ao deixar para o seu enfermeiro os seus bens. Nesse sentido, pode-se entender que existe a presença de dois elementos primordiais que são: o bem e o mal, mas que a passagem de um para o outro é mais fluída do que se imagina. Por meio de “O enfermeiro”, Machado Assis representou esse conflito interior da essência humana no que diz respeito à bondade e à maldade.

Queria ver no rosto dos outros se desconfiavam; mas não ousava fitar ninguém. Tudo me dava impaciências [...] Vindo a hora, fechei o caixão, com as mãos trêmulas, tão trêmulas que uma pessoa, que reparou nelas, disse a outra com piedade: - Coitado do Procópio! apesar do que padeceu está muito sentido. Pareceu-me ironia; estava ansioso por ver tudo acabado. [...] Assim, por uma ironia da sorte, os bens do coronel vinham parar às minhas mãos. Cogitei em recusar a herança. [...] No fim dos três dias, assentei num meio-termo; receberia a herança e dá-la-ia toda, aos bocados e às escondidas. Não era só escrúpulo; era também o modo de resgatar o crime por um ato de virtude; pareceu-me que ficava assim de contas saldas [...] na posse da herança, converti-a em títulos e dinheiro. Eram então passados muitos meses, e a idéia de distribuí-la toda em esmolas e donativos pios não me dominou como da primeira vez; achei mesmo que era afetação (ASSIS, 2004, p. 147, 148 e 150).

Diante dessa cena, é possível compreender o quão profunda é a presença da ironia no conto, já que o autor vai desvelando as intenções e os gestos, mostrando que o aparente ser, não é, já que a moral se dilui diante do dinheiro e das circunstâncias.

Procópio pode ser entendido como alguém que decidiu deixar o sentimento da culpa de lado e seguir em frente, usufruindo de todo o conforto que foi ocasionado com a morte de Felisberto. Ações e escolhas são constantes na narração do conto, o leitor pode ter várias interpretações e compreensão de mundo com este conto, e uma delas é quão irônica pode ser a vida: o nosso algoz pode ser, no fundo, uma pessoa boa; e nós, tão comprometidos com o certo, podemos nos tornar hipócritas e conviver com o crime sem problemas.

6.2 Um Homem Célebre

O conto "Um Homem Célebre" de Machado de Assis narra a vida do personagem Pestana, um músico pianista compositor de polca, polca é um estilo musical popular, mas Pestana está sempre com o desejo de criar músicas mais renomadas, como as clássicas, buscando inspiração em compositores como Mozart e Beethoven.

Pestana se angustia por não conseguir compor outras músicas, além de polcas. Residindo com um senhor negro que era uma espécie de criado, Pestana tinha muitos quadros, sendo um do padre que o educou e o ensinou música e latim. Para muitos, o tal padre era o pai de Pestana, o qual, ao morrer, deixou a casa de herança para Pestana, os demais quadros eram de compositores de música clássica.

Tais retratos eram tidos como santos e o piano considerado o altar desse personagem. Era costume de Pestana olhar as estrelas à noite e contemplar os quadros. Pestana idolatrava os compositores clássicos, querendo ser como eles.

É importante dizer que foi somente por meio de suas composições no ritmo de polcas que Pestana tornou-se célebre, no entanto, não demorava muito para que ele se desgostasse. Como pode ser percebido claramente no seguinte trecho:

[...] Mergulhava naquele Jordão sem sair batizado. Noites e noites, gastou-as assim, confiado e teimoso, certo de que a vontade era tudo, e

que, uma vez que abrisse mão da música fácil... – As polcas que vão para o inferno fazer dançar o diabo, disse ele um dia, de madrugada ao deitar-se (ASSIS, 2004, p. 229).

Dado o exposto, o leitor pode verificar a frustração do personagem ao passo que se constata a existência do humor. Já que Pestana possui uma grande aflição em não conseguir fazer aquilo que ele desejava e sonhava realizar.

É importante dizer que Pestana se apaixonou por uma mulher, logo após ouvi-la cantar. Casou-se com a ela, acreditando que, com seu casamento e com a inspiração que viria da mulher, ele iria compor músicas clássicas. Chegou mesmo a compor uma peça clássica, um “noturno”, o qual mostrou à sua mulher:

[...] chamou a mulher para tocar um trecho do noturno; não lhe disse o que era nem quem era. De repente, parando, interrogou-a com os olhos. – Acaba, disse Maria; não é Chopin? Pestana empalideceu, fitou os olhos no ar, repetiu um ou dois trechos e ergueu-se. Maria assentou-se ao piano, e, depois de algum esforço de memória, executou a peça de Chopin (ASSIS, 2004, p. 230).

Ou seja, ele não conseguia compor música clássica, mesmo depois de casado. No mais, veio à doença da mulher e, com a sua morte, Pestana decide compor um Réquiem, porém este nunca é feito.

Cansado dessas tentativas vãs, ele fica sem compor mesmo as polcas que lhe davam sucesso e dinheiro. Em vista disso, pode-se observar uma compreensão dos acontecimentos e razões que levaram a cometer tais ações, como casar, compor polcas e ao final se ver sem “nada”, como, falta de amigos e bens, a própria morte de Pestana pode ser considerado como algo humorístico. Por conta disso, triste e desiludido com a impossibilidade de chegar à fama por meio da música erudita, após uma febre, acaba por morrer, como um célebre compositor de polcas.

A situação original do conto é em si mesma humorística. O sujeito que é famoso, mas é infeliz; o sujeito que busca a imortalidade por meio da música clássica enquanto vai se frustrando com os pequenos dissabores da vida. O ideal que nunca chega a ser real.

Há também uma possível ironia, lida nas entrelinhas, que o filho “bastardo” de um padre pudesse ser incapaz de produzir algo tão “puro” como a música clássica e ficasse restrito às músicas populares, “vulgares”, “profanas”. A ironia do destino também parece se projetar sobre a personagem, como antes acontecera com Procópio em “O Enfermeiro”.

O humor irônico se expressa sob várias formas: o desalento com o sucesso que fazia nas festas com suas polcas, o casamento com Maria para ter “inspiração”, as tentativas fracassadas, como a cena em que esquece que compôs uma música de “memória”, a tentativa final de compor um Réquiem.

Ele sentia a cadência dos passos, adivinhava os movimentos, porventura lúbricos, a que obrigava alguma daquelas composições; tudo isso ao pé do cadáver pálido, um molho de ossos, estendido na cama... Todas as horas da noite passaram assim, vagarosas ou rápidas, úmidas de lágrimas e de suor, de águas da Colônia e de Labarraque, saltando sem parar, como ao som da polca de um grande Pestana invisível. Enterrada a mulher, o viúvo teve uma única preocupação: deixar a música, depois de compor um *Réquiem*, que faria executar no primeiro aniversário da morte de Maria (ASSIS, 2004, p. 231).

A grande ironia de onde nasce o humor da história é que o personagem Pestana possua um grande dom em compor polca, é um insatisfeito, sem humor nenhum.

[...] Naquele ano, apanhou uma febre de nada, que em poucos dias cresceu, até virar perniciosa[...] – Olhe, disse o Pestana, como é provável que eu morra por estes dias, faço-lhe logo duas polcas; a outra servirá para quando subirem os liberais. Foi a única pilhéria que disse em toda a vida, e era tempo, porque expirou na madrugada seguinte, às quatro horas e cinco minutos, bem com os homens e mal consigo mesmo. (ASSIS, p. 232-233).

O humor irônico também aparece no motivo do casamento de Pestana. Casado com uma mulher tão amável, cantora, poderia ter uma vida feliz, mas se insatisfaz com a falta de inspiração. E a morte dela se afigura como mais uma oportunidade de inspiração do que como um sofrimento profundo.

É preciso levar em consideração alguns aspectos deste conto, o primeiro é que o personagem Pestana pode ser visto como um “espelho” de muitos indivíduos que possuem condições reais para se realizarem totalmente, contudo são pessoas frustradas, quando decidem fazer algo que está distante de sua realidade ou capacidade. O segundo seria que o conto retrata que a vida humana é comparada a uma certa debilidade, ou seja, o indivíduo perde tempo buscando realizar-se ou procurando ser perfeito em uma situação que não lhe é nada favorável; nesse sentido, deixa de usufruir a oportunidade que a vida lhe proporciona.

O destino é irônico porque os seres humanos colocam-se em situação ideal à qual não podem ou não correspondem. A ironia é revelação das contradições humanas que, nas palavras de Machado de Assis, torna-se corrosiva e humorística visão da realidade e da sociedade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber através dos contos de Machado de Assis, “O enfermeiro” e “Um homem célebre”, as noções referentes à ironia e ao humor presentes de forma explícita nas narrativas. É válido ressaltar que os elementos supracitados são de características peculiares deste grande escritor, o qual se consagrou por apresentar uma escrita diferente dos demais escritores de sua época, nos presenteando com a sua literatura. Ele possui, de forma fictícia, uma gama de elementos que proporcionam ao leitor uma compreensão do mundo e das relações humanas. No mais, a sua escrita não apresenta em si uma única forma, pois ela possui uma abrangência muito vasta de técnicas, de possibilidades de interpretação.

A análise dos contos de Machado de Assis nos traz uma reflexão acerca do homem de acordo com “a sua verdadeira natureza”, bem como os fatores que levam o indivíduo a não se sentir satisfeito em seu meio. No mais, o grande talento do autor fez com que se tornasse consagrado ao retratar de forma fictícia a realidade da sociedade do Rio de Janeiro, da qual fez parte.

Por tudo isso, pode-se dizer que Machado foi um escritor a frente do seu tempo, pois os temas que foram abordados em suas obras são tidos como “modelos” de uma sociedade atual, na qual boa parte vive de aparências e sendo levado pelas circunstâncias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado. **Os melhores contos de Machado de Assis**. Seleção Domício Proença Filho. 15.ed. São Paulo: Global, 2004.

BARRETO, Lázaro. **Ironia e Humor na Literatura segundo Lélia Parreira Duarte**. Disponível em: <http://lazarobarreto.blogspot.com.br/2007/01/ironia-e-humor-na-literatura.html>. Acessado em 02/04/2017.

BOSI, Alfredo,1936: **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006. Bibliografia

CANDIDO, Antonio. *Esquema de Machado de Assis*. In: **Vários Escritos** .5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul,2011.

GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do conto**. 11.ed. São Paulo: Ática, 2006.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **A Supremacia do Conto** – Edição comentada de Papéis Avulsos de Machado de Assis. Coleção Oficina Literária. São Paulo: Selinunte Editora,1994, p.151-163.

OLIVEIRA, Rose João Clenir Bellezi. **Linguagens: estrutura e arte**. São Paulo: Moderna, 1999.

PERROT, Andrea Czarnobay: **Machado de Assis: ironia e filiação literária**, 2008. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/21>. Acessado em 08/04/2017.

PESSANHA, Ketiley da Silva: **Machado de Assis e João: do ri(s) o à ironia o conto submerso em sala de aula**. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação. Ano 4. Março-Maio de 2011. Disponível em: www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35517. Acessado em 20/04/2017.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana: **História da literatura brasileira.** 2. ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Declínio do Romantismo.* In: **História da Literatura Brasileira.** 7ª ed. São Paulo: DIFEL, 1982.